

O infinitivo flexionado na diacronia do português¹

Alexandra Fiéis & Ana Madeira

CLUNL / FCSH/NOVA

afieis@fcs.unl.pt; ana.madeira@fcs.unl.pt

Abstract

This paper seeks to characterise the evolution of the Portuguese inflected infinitive, by investigating how it emerged in different syntactic environments. We show that it was in the 16th-19th centuries that its distribution underwent significant changes, whereby it gradually spread, not only to the contexts in which it is found nowadays, but also to other contexts from which it is excluded in the standard variety (but not in nonstandard ones). We argue that this may be explained by assuming the existence of two inflected infinitives, one which is characterised by nominal properties and another one which exhibits properties of control.

Keywords/Palavras-chave: infinitivo flexionado/inflected infinitives, diacronia/diachrony, português/Portuguese.

1. Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo contribuir para um melhor conhecimento da evolução do Infinitivo Flexionado (InfFlex) em português, do período antigo até ao período moderno. Através da análise do InfFlex na diacronia do português, procurar-se-á identificar pistas que permitam uma melhor compreensão das suas propriedades e distribuição, e explicar as diferenças observadas entre variedades do português, padrão e não padrão, que legitimam InfFlex.

Assim, na secção 2, apresentamos uma descrição das propriedades e da distribuição do InfFlex nas línguas românicas contemporâneas (português, galego e sardo) e referimos algumas das análises propostas para explicar o InfFlex. Na secção 3, caracterizamos a evolução das construções com InfFlex do séc. XIII até ao presente, as propriedades das construções com verbos causativos e percetivos em PEC e investigamos a sua evolução na diacronia do português. Na secção 4, fazemos uma síntese e discutimos algumas das questões levantadas pela análise dos dados. Finalmente, na secção 5, apresentamos as conclusões mais relevantes a retirar deste trabalho.

2. O infinitivo flexionado nas línguas românicas contemporâneas

O InfFlex é uma opção gramatical que, nas línguas românicas contemporâneas, ocorre apenas em português, galego e sardo, apresentando, porém, propriedades e distribuição diferentes nas três línguas. Nesta secção, começamos por descrever as propriedades e distribuição do InfFlex em português, referindo depois algumas das especificidades que apresenta em galego e em sardo. Finalmente, apresentaremos algumas das análises que têm sido propostas na literatura para dar conta deste fenómeno.

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto *Subordinação em Português Medieval* (PTDC/MHC-LIN/4564/2012), financiado pela FCT-MCTES.

2.1. Português Europeu

O InfFlex, que se caracteriza pela associação de morfologia de pessoa e número a formas de infinitivo e pela possibilidade da presença de sujeitos lexicais, pode ocorrer nos seguintes contextos, que correspondem a um subconjunto da totalidade dos contextos em que são permitidos infinitivos em português europeu padrão (ver, entre outros, Raposo, 1987):

(i) complementos de verbos declarativos, epistémicos, factivos, de controlo de objeto, causativos e perceptivos (1-5):

- (1) O jornalista afirmou **terem** os informantes mentido.
- (2) O jornalista lamentou **terem** os informantes mentido.
- (3) O jornalista convenceu os informantes a **darem** a entrevista.
- (4) O jornalista fez os informantes **darem** a entrevista.
- (5) O jornalista viu os informantes **darem** a entrevista.

(ii) outras orações completivas (seleccionadas por verbos, nomes ou adjetivos) introduzidas por preposição:

- (6) A ideia de os informantes **darem** a entrevista é excelente.

(iii) orações de sujeito, predicativas e comparativas:

- (7) É possível os informantes **terem** mentido durante a entrevista.

(iv) orações adverbiais introduzidas por preposição.

- (8) O jornalista esperou até os informantes **chegarem** ao local.

Em quase todos estes contextos, o sujeito do infinitivo tem referência livre, podendo (ou devendo) ser disjuncto de qualquer um dos argumentos do verbo matriz. A exceção são os complementos de verbos de controlo de objeto, em que a referência do sujeito é necessariamente determinada pelo complemento (direto ou indireto) do verbo matriz (veja-se (9)).

- (9) Eu obriguei as crianças_i a [pro_i **fazerem** a cama]

De acordo com a descrição do português padrão (cf. Raposo, 1987), o InfFlex está excluído de alguns contextos que admitem infinitivo, como, por exemplo:

(i) em contextos seleccionados por verbos:

(a) de controlo de sujeito (e.g., *querer, tentar, decidir*, etc.):

- (10) *Os informantes querem/decidiram/tentaram **darem** a entrevista.

(b) modais (e.g., *ter de, poder, dever*):

- (11) *Os informantes têm de/podem/devem **darem** a entrevista.

(c) aspetuais (e.g., *começar a, deixar de, acabar de*):

- (12) *Os informantes começaram a/deixaram de/acabaram de **darem** a entrevista.

(ii) em orações interrogativas e relativas:

- (13) *Não sabemos quem **entrevistarmos** no domingo.

2.2. Galego

Em galego, o InfFlex encontra-se apenas em alguns dos contextos em que pode ocorrer em PE padrão. De acordo com Longa (1994), é permitido nos seguintes contextos:

(i) orações de sujeito (sem sujeitos pré-verbais):

(14) Non está claro **aprobármolo** exame. (idem:26)

(ii) complementos de verbos declarativos:

(15) (...) e o propio líder declaraba **teren** reservado tres millóns prá súa campaña electoral (...) (CORGA)

(iii) orações adverbiais e predicativas:

(16) Fixérono para **traballaren** ledos. (idem:28)

(iv) complementos de alguns nomes e adjetivos:

(17) Admitiu o feito de **faceren** a tarefa. (idem:28)

(18) Estades desexosos de **rematárde**-lo traballo. (idem:28)

De acordo com o que é descrito para o galego padrão, o InfFlex é proibido nos seguintes contextos:

(i) “Cando o Inf. é o verbo auxiliado dunha perífrase verbal” (Álvarez & Xove, 2002: 310)

(ii) “cando forma parte dun complexo verbal” (idem: 310) – por exemplo, com verbos causativos (Carrilho & Sousa, 2010) e com verbos declarativos (Longa, 1994):

(19) *Ana fixo os alumnos **saíren** (Carrilho & Sousa, 2010)

(20) *Xoan pensa **xantaren** os pais moito. (Longa, 1994:27)

2.3. Sardo

No sardo, segundo Jones (1990, 1993), o InfFlex está limitado a algumas orações adverbiais (21) e a complementos de verbos como *querer*, *acreditar* e *decidir* introduzidos por *de* (22):

(21) Non keren de **vénmere** jeo

“Não querem que eu venha”

(22) Amus ditsisu de nonk’ **andáre(mus)**

“Decidimos ir embora”

(Jones, 1990: 344)

Nestas orações, os sujeitos são sempre pós-verbais e não são, geralmente, correferentes com o sujeito matriz, embora se observem casos em que há correferência, como está ilustrado em (22).

2.4. Análises do infinitivo flexionado

De entre as análises que têm sido propostas para o InfFlex, destaca-se a de Raposo (1987), que defende que esta opção gramatical depende simultaneamente de uma condição sintática (valor positivo do parâmetro do sujeito nulo, que se traduz na realização morfológica dos traços- ϕ de V) e de uma condição morfológica. A condição morfológica corresponde a um parâmetro (parâmetro-Infl), que possibilita a existência de traços de concordância em Infl não finito, permitindo que um Infl com traços [+Agr, -T] legitime sujeitos nominativos se ele próprio for marcado com Caso. Deste parâmetro decorre a

distribuição mais restrita do InfFlex, que, ao contrário do infinitivo não flexionado, só pode ocorrer em posições de Caso.

De igual modo, Cowper (2002) propõe que, em línguas de sujeito nulo, Infl pode ser associado a um traço de Caso não interpretável, independentemente de finitude. Em contextos de InfFlex, o traço de Caso tem de estabelecer uma relação de AGREE com uma sonda. Depois de valorado e apagado este traço, Infl adquire a capacidade de verificar o Caso Nominativo do sujeito e de realizar traços- ϕ no infinitivo.

No entanto, estas análises não explicam por que razão, por exemplo, o InfFlex está excluído da posição de complemento de certos verbos. A explicação avançada por Raposo (1987) é a de que o InfFlex é possível apenas em contextos temporalizados (como é o caso, por exemplo, dos complementos de verbos declarativos e epistémicos), em que ocorre movimento de Infl para C, e nominais (como, por exemplo, os complementos de verbos factivos), uma vez que, para que InfFlex possa atribuir Caso nominativo ao sujeito, os traços da categoria Agr de Infl não finito precisam de receber Caso estrutural. Tal explica a impossibilidade de ocorrência em outros contextos, por exemplo, em contextos independentes com infinitivos e também nos complementos de verbos volitivos.

Esta análise não dá conta das diferenças observadas na distribuição do InfFlex entre as três línguas, pelo que a solução passará por investigar a diacronia do InfFlex, procurando identificar pistas que permitam uma melhor compreensão da sua distribuição e propriedades atuais. Neste trabalho, centrar-nos-emos na diacronia do português, uma vez que outras variedades do português também apresentam diferenças entre si relativamente às propriedades e à distribuição do InfFlex. Em trabalho futuro, procuraremos alargar esta investigação a outras línguas românicas como o galego e o sardo.

3. Diacronia do infinitivo flexionado

Existem várias hipóteses explicativas da origem do InfFlex, sendo que duas merecem especial destaque. A primeira defende que o InfFlex deriva do Imperfeito do Conjuntivo latino (Rodrigues, 1913/14; Martins, 2001; Pires, 2001; Scida, 2004), a outra defende que o InfFlex deriva do infinitivo impessoal românico (Maurer, 1968; Vincent, 1998). No entanto, para o nosso trabalho esta questão não é relevante, uma vez que nos interessa sobretudo descrever a evolução dos contextos em que o InfFlex ocorre.

Assim, diacronicamente, o InfFlex está atestado desde o início do séc. XII, associado maioritariamente a domínios independentes com valor imperativo/optativo, alternando com o conjuntivo (o que não é possível em PEC) (Martins, 2001). Veja-se o contraste em (23):

- (23) a. e se achasem que Moor eanes siia no plazo cõ seu marido **ualerlj** seu plazo e **fazerlhy** o Abbade plazo do Casal [1273, DN006]
 b. e sse achassem que nõ siia no plazo do casal de Sanbady cõ seu marido; que lhy **fezesse** o Abbade plazo [1273, DN006]

Estas construções tornam-se menos produtivas à medida que InfFlex começa a ocorrer nos complementos de verbos causativos e percetivos, por volta do século XVI, coincidindo com o surgimento de outras propriedades associadas aos complementos infinitivos (flexionados e não flexionados), ou seja, a ocorrência de negação e de clíticos, como se mostra a seguir:

- (24) a. [...] porque a natural inclinação de correr para o seu centro, para aquela origem donde saíram, os faz não parar até não chegar ao seu fim último. [A. das Chagas, 1631]
 b. Porque, se o verem-nos sòmente embaraçados com Castela os fez não duvidar de se fazerem senhores de nossas conquistas; [A. Vieira, 1608a]
 c. Elas me enfeitiçaram de novo, e elas são que me fazem dizer-vos: [C. de Oliveira, 1702]
 d. [...] não me deixará fazer-lhe uma leve prova? [A. das Chagas, 1631, *apud* Trannin, 2011: 2210]

Segundo Martins (2006), observa-se, diacronicamente, uma tendência para a desgramaticalização progressiva destas estruturas.

É interessante notar que uma análise de gramáticas do séc. XVI (Ponce de León Romeo, 2004) mostra que, nesta época, InfFlex já era uma opção em vários outros contextos (complementos de verbos declarativos, orações de sujeito e orações introduzidas por preposição). No entanto, estas diferentes possibilidades de realização de InfFlex não eram consideradas aceitáveis pela maioria dos gramáticos mais conservadores, embora eles próprios as produzissem, evidenciando um claro desfasamento entre norma e uso.

Relativamente aos outros contextos de InfFlex que são possíveis em PEC, como é o caso dos complementos de verbos epistémicos, factivos, controlo de objeto, das orações predicativas, comparativas e completivas de nome e de adjetivo (Raposo, 1987), pouco se sabe sobre a sua origem.

Face a estas observações, levanta-se a questão de saber como é que InfFlex se foi alargando aos outros contextos em que ocorre em PEC.

Para dar resposta a esta questão, é fundamental observar os dados quer do PA quer do PCI. Em 3.1., apresentamos alguns dados do PA, que mostram os diferentes contextos em que o InfFlex ocorria. Já em 3.2., apresentamos dados do PCI, comprovando, por um lado, a tendência para o alargamento do uso do InfFlex a contextos nos quais não ocorria no PA, e, por outro lado, o desaparecimento do InfFlex de alguns contextos.

3.1. Os dados do Português Antigo

Nos dados do PA (séc. XIII-XV), tal como referido no início da secção, o InfFlex ocorria principalmente em orações com valor imperativo/optativo, alternando com conjuntivo. Observem-se alguns exemplos em (25) e (26):

(25) & depus uossa morte de uos ambos **téerena** uosos fios (...) in toda sa uida [1283, HGP027]

(26) se esta moeda sobredita (...) mi~gar, **dardes** a quantia della [1286, HGP028]

O InfFlex encontra-se também atestado em orações introduzidas pela conjunção copulativa *e*, e orações coordenadas ora com orações conjuntivas ora com orações de infinitivo não flexionado, como se mostra nos exemplos seguintes. Nestes casos, os verbos coordenados aparecem frequentemente encaixados sob verbos modais e causativos.

(27) & nõ nos **parardes** outro senhor deãte (...) [1299, HGP117]

(28) deue **peytar** aa outra parte C maravedis uellos de pea e **ficar** o prazo en sa forteleza perdurauil e **teere~se** os cõuene~tes [1279 CHP015]

(29) he bem de **lavrare** e **criarem** bestas e gaados [séc. 15 LC]

(30) a. per tal preyto que o tenamos de uos en toda nossa uida nos & nosso ffillo Domj~go Ffernandez que agora auemos ya nado de XV annos asusso segiamos del uossos seruizaes & uossos vassallos bóos & leaes & **darmos** ende cada anno per uosso mayordomo a que deuemos a prouéer me~tre coller o pã & o viño [1285 HGP056]

b. e sobre todo esto mandamus e houtorgamus que se algũu de nos ueher que aquesta nossa partizõ queyra britar ou desfazer, peyte áá outra parte aguardante. C. mrs. uelhus da moheda corredia en Portugal e o prazo **ficar** en sa forteleza e uala pera todo senpre [1287 HGP140]

Finalmente, podem encontrar-se ocorrências de InfFlex em orações introduzidas por preposições (e.g., adverbiais e complementos de adjetivos), como se mostra em (31) e (32), e também em orações de sujeito, como (33), e em complementos de verbos (34):

(31) **por** os monteyros **seerem** sabedores [14th c. , LM]

(32) nõ seiã poderosos **de** o **uendere~** (...) ne~ **dare~** [1299, HGP114]

(33) comue~ a saber cãto (...) e tu **dares** dese casar tercio parte [1272 CHP003]

(34) E pore m com estas tres joyas se diz per razoada figura **seermos** tentados e muytos enganados [séc. 15 LC]

3.2. Os dados do Português Clássico

Apresentamos, nesta secção, dados que atestam as diferentes possibilidades de ocorrência de InfFlex no PCI (séc. XVI-XIX).

Tal como referido no início da secção 3, é durante este período que alguns dos contextos de InfFlex, que eram produtivos no PA, se perdem, nomeadamente em orações independentes com valor imperativo/optativo e coordenadas com conjuntivo.

No entanto, é possível constatar que InfFlex se mantém em todos os outros contextos, ou seja, em orações complemento e adverbiais introduzidas por preposição, orações de sujeito e orações coordenadas com infinitivo impessoal. Observe-se o seguinte exemplo:

- (35) Esta ilha servirá como de praça de armas, onde as naus se possam **recolher e refazer**, e ainda **lavrarem-se** muitos mantimentos [Vieira (b. 1608)]

O que distingue este período do anterior, como referido, é o facto de surgirem ocorrências de InfFlex noutros contextos.

Observa-se a possibilidade de InfFlex ser coordenado com um DP, como no exemplo seguinte:

- (36) Muitas vezes saímos de o palácio de Oeiras depois de um **esplêndido jantar** e de **danças** até a as duas e três horas de a madrugada [Alorna (b. 1802)]

Há também atestações de InfFlex introduzido por determinante:

- (37) Desta pureza nasce **o tratarmos** de ajuntar a nossa com a sua vontade [Chagas (b. 1631)]
 (38) Porém **o serdes** vós tão miúdo nas cortesias me deu muita pena [Lobo (b. 1579)]

Em orações comparativas e predicativas:

- (39) havendo que usam assim com ele de mais piedade, que **consentirem** que a morte o esteja senhoreando [Gandavo (b. 1502)]
 (40) As invenções e galantarias de que usam, são **trazerem** alguns o beijo de baixo furado [Gandavo (b. 1502)]

Como complementos de nomes:

- (41) com obrigação de se **pôrem** seguras em Lisboa [Vieira (b. 1608)]

Durante o período clássico, o InfFlex emerge ainda em outros contextos diferentes dos que se atestaram para o PA, como em construções com verbos aspetuais e de controlo de sujeito (com e sem coordenação), que acabaram por desaparecer no PEC padrão.

- (42) fazendo grandes favores aos mercadores nos direitos, e nas compras, e vendas de suas fazendas, com o que se começou aquele porto a frequentar, e **a faltarem** na Ilha de Caez tôdas as cousas. [Couto (b. 1542)]
 (43) porque muitas vezes se aconteceu já quererem alguns (...) vingar-se de escandalos particulares e **satisfazerem** seu apetite [Couto (b. 1542)]
 (44) Também costumam todos **arrancarem** a barba [Gândavo (b. 1502)]
 (45) não ousavam já nenhuns a sair fora, nem se **proverem** do necessário [Pinto (b. 1502)]
 (46) porque desejavam de o **levarem** de presente ao Grão Turco [Couto (b. 1542)]

Em sentido oposto, o InfFlex ocorre também em contextos que acabaram por se manter no PEC padrão, a maioria dos quais não atestados no PA, como orações complemento de verbos declarativos, epistémicos, percetivos e de controlo de objeto.

- (47) que se diz **terem** as aves trabalho em as passar [Gândavo (b. 1502)]

- (48) nessa tua resposta conheço eu **seres** muito bom homem [Pinto (b. 1510)]
 (49) vimos **renderem** os ingleses as guarnições francesas [Alorna (b. 1802)]
 (50) nem os queiram obrigar a se **saírem** das suas terras [Vieira (b. 1608)]

Neste aspeto, o cenário é em tudo semelhante ao PEC, não tendo sido possível, no entanto, encontrar ocorrências de InfFlex com verbos factivos no *corpus* analisado.

4. Questões e discussão

Como enunciado na introdução, face aos dados apresentados, duas questões se levantam: por um lado, importa perceber o que terá motivado, no PEC (padrão), a perda do InfFlex em alguns contextos, e, por outro lado, por que razão o InfFlex se tornou possível num maior número de contextos, em PEC padrão, relativamente a variedades mais antigas da língua.

Quanto a esta segunda questão, como vimos, no PA, InfFlex está associado a valores modais, mais próximo do conjuntivo do que do infinitivo não flexionado. Começa a aparecer coordenado com infinitivo não flexionado, por exemplo, em complementos selecionados por verbos modais e causativos. Emerge, igualmente, em orações introduzidas por preposição e em orações de sujeito.

No PCI, mantém-se a tendência iniciada no período medieval, com o desaparecimento gradual do InfFlex de contextos de conjuntivo e o seu alargamento a outros contextos de infinitivo.

No caso dos complementos verbais, embora o processo de desgramaticalização que afetou alguns verbos pudesse ter sido uma condição necessária para o surgimento do InfFlex, não é suficiente para explicar a sua ocorrência noutros contextos (por exemplo, em contextos de coordenação com DPs, em orações introduzidas por determinante, em complementos de verbos declarativos e epistémicos). Estes serão, sem dúvida, indícios de que o InfFlex evoluiu de uma forma mais finita para menos finita, adquirindo propriedades nominais, sendo legitimado nalguns casos (complementos de verbos declarativos e epistémicos) por movimento da flexão para C, como propõe Raposo (1987).

Relativamente à primeira questão, observando os dados de corpora quer do PEC quer de outras variedades do português, existem indícios de que não terá havido, efetivamente, perda de InfFlex em alguns contextos, na passagem do PCI para o PEC. Assim, continua a observar-se uma aceitação significativa e produção de infinitivo flexionado por falantes adultos da variedade padrão do PEC, por exemplo, com verbos volitivos (ver exemplos (51) a (55), e também Pires, Rothman & Santos, 2011). Este é um fenómeno que se verifica consistentemente em outras variedades do português, como é o caso do PEC não padrão (ver exemplos (56) a (57)) e do português oral de Moçambique (cf. exemplos (58) a (59); cf. Duarte et al, 2012). Nestas variedades, o uso do infinitivo flexionado estende-se a outros contextos, ocorrendo designadamente com verbos modais, aspetuais e outros verbos de controlo de sujeito. Note-se que, nestes casos, o infinitivo apresenta um sujeito controlado, isto é, um sujeito que não é realizado lexicalmente, sendo correferente com o sujeito do verbo que seleciona o infinitivo.

- (51) (...) a necessidade de os pais deverem **verem** televisão com os filhos (...)
 (52) O banco dá a oportunidade às pessoas (...) de poderem **irem** fazendo poupanças (...)
 (53) (...) impedir que as produções fiquem circunscritas ao seu país por nem sequer conseguir **serem** apresentadas nos mercados de vendas.
 (54) (...) se não querem **serem** (...) apoiantes de um grupo governo corrupto (...)
 (55) (...) com a maior parte das equipas a tentar **aproveitarem** esta oportunidade (...)
 (CETEMPúblico)
 (56) Então podem levar um panito caseiro do forno, e **levarem** coentros.
 (57) (...) depois vão lá acima, começam a **baterem** para baixo.
 (Cordial-SIN)
 (58) (...) se assim houvesse mais pessoas falantes podem não **serem** falantes fluentes (...)
 (59) (...) até alguns já tencionavam **fazerem** atentados físicos aos professores (...)
 (Spoken Corpus Mozambique)

Do mesmo modo, também em galego se verificam ocorrências de InfFlex em contextos aparentemente não permitidos pela norma. Alguns destes contextos coincidem com os observados em PE padrão – é o caso dos complementos de verbos causativos (60) e de verbos epistémicos (61-62). Nestas construções, o sujeito do infinitivo deve ou pode ser referencialmente disjunto do sujeito do verbo matriz, tal como acontece em português. Encontra-se também InfFlex com verbos modais (63-66), com auxiliares temporais e aspetuais (67-69), e com verbos de controlo de sujeito (70-72). Nestes casos, o sujeito do InfFlex apresenta características idênticas às que observámos nos exemplos equivalentes do português, ou seja, não é realizado lexicalmente e é controlado pelo sujeito do verbo superior.

- (60) ¿**Mandou**-vos ela **serdes** infelices? (TILG)
 (61) E tamén sinto non coñecer (...) os bailles, dancings de inverno (...) que eu **maxino seren** enormes salóns con peste a suor (...) (CORGA)
 (62) (...) os alarifes mouros que se **supón teren** traballado entre nós (...) (TILG)
 (63) Follas todas na base, envaiñadoras, lineares, ata 30 cm de longas, que **poden teren** forma de fouce. (TILG)
 (64) (...) xura-me ti tamén que **has de teres** xuício. (...) Boeno, pois entón discurrámos como **temos de facermos** pra que a miña nai troque de pensamento. (TILG)
 (65) (...) nos antros de donde xamais **deberan de teren** saído. (TILG)
 (66) A nai insistía en que eses conflitos non **debían** transcender nin **seren** coñecidos fóra da familia pola vergonza que supoñían. (TILG)
 (67) (...) semella que as prédicas do morto ben amado **van a teren** solución e arranxamento definitivos (TILG)
 (68) (...) e os Consellos **encomezan a seren** representativos (CORGA)
 (69) (...) pero non **deixan de teren** certas características semellantes con ela (CORGA)
 (70) (...) **queren seren** galegos e teren a súa soberanía. (CORGA)
 (71) Loureiros. **Adoitán teren**-se nas hortas. (TILG)
 (72) E mentres os nosos escritores non se **atreven a seren** Tolkien, a ser Ende, a ser Salgari, a ser Jack London, (...) (TILG)

Em termos de análise, adotamos a proposta de Duarte et al. (2012) de que as construções em que InfFlex é selecionado por (semi)auxiliares modais, aspetuais e temporais, bem como por verbos de controlo de sujeito, são estruturas em que a flexão de pessoa-número corresponde ao *spell-out* (manifestação visível) da operação de AGREE entre T matriz e C-T encaixado (Landau, 2000, 2004). Isto explica por que razão, nestes casos, o sujeito do infinitivo é sempre correferente com o sujeito matriz. Este “pseudoinfinitivo flexionado” mantém-se em algumas variedades contemporâneas do português com o mesmo tipo de verbos.

Sheehan (no prelo) (cf. também Modesto, 2011, para o Português Brasileiro (PB)) mostra que, mesmo nas variedades padrão, InfFlex pode ocorrer com verbos de controlo de sujeito em condições específicas (ainda assim, típicas de estruturas de controlo). Assim, quando há correferência (ou seja, em contextos de controlo exaustivo, nos termos de Landau, 2000) entre o sujeito da oração principal e o da infinitiva, como em (73) e (74), há uma forte preferência pelo infinitivo não flexionado (esta preferência é menos marcada quando um argumento intervém entre os dois sujeitos, como em (74)). No entanto, a correferência não é obrigatória, verificando-se que a sua inexistência (em contextos de controlo parcial, de acordo com Landau, 2000), como em (75) e (76), leva a uma maior aceitabilidade do InfFlex. Neste caso, o sujeito da matriz tem de estar, obrigatoriamente, incluído na referência do sujeito do infinitivo. Esta tendência é ainda mais acentuada quando o controlo é não local, ou seja, quando um argumento intervém entre os dois sujeitos, como em (76).

- (73) Preferias chegar(*es) a tempo
 (74) Prometemos à professora chegar(%mos) a tempo
 (75) O João preferia reunir(%em)-se mais tarde
 (76) O Pedro prometeu à Ana reunir%(em)-se em Braga

Porém, o sardo apresenta evidência de que, nestes contextos, o infinitivo não é necessariamente controlado, uma vez que ocorre com um sujeito referencialmente disjunto do sujeito da matriz:

(77) non keljo a vénnera tue
 não quero a vir-INF tu
 “Não quero que tu venhas” (Jones 1993: 281)

Como se explica, então, a ocorrência de InfFlex nestes contextos? Note-se que os complementos de verbos volitivos, em sardo, são introduzidos por um elemento preposicional (‘a’ em (77) e ‘de’ em (21-22) acima). Assim, a explicação para estes casos terá de ser idêntica à explicação avançada para as orações adverbiais e de complemento introduzidas por preposição em português, i.e., nestes contextos, o InfFlex tem um estatuto nominal e é legitimado por ocorrer numa posição de Caso.

5. Conclusão

Neste artigo, procurámos traçar o desenvolvimento dos contextos de InfFlex do PA para o PEC. Observámos que, do PA para o PCI, se assistiu a uma mudança na distribuição das formas flexionadas do infinitivo. Esta mudança teve como consequência o desaparecimento gradual do InfFlex dos contextos em que inicialmente se encontra, em que apresenta um valor modal ou ocorre em coordenação com conjuntivo ou infinitivo não flexionado, e o seu alargamento a outros contextos, designadamente, orações introduzidas por preposições, orações de sujeito, comparativas e predicativas, e complementos de verbos declarativos, epistémicos, perceptivos, causativos, de controlo de objeto e factivos (embora este último caso não esteja atestado no corpus analisado). Observam-se também, a partir do PCI, ocorrências de orações de infinitivo flexionado coordenadas com DPs ou introduzidas por determinante. Estes factos parecem indicar uma mudança no estatuto do InfFlex, de uma forma mais verbal para uma forma menos verbal. Assim, em orações de InfFlex, Infl está associado a um traço de Caso que tem de ser valorado através do estabelecimento de uma dependência com uma categoria apropriada.

Ao mesmo tempo, verificam-se, no PCI, ocorrências de InfFlex em contextos (e.g. complementos de verbos de controlo de sujeito) em que, aparentemente, não é permitido no PEC. Ao contrário do que os factos parecem indicar, porém, concluímos que não houve verdadeiramente uma redução da possibilidade de ocorrência do InfFlex do PCI para o PEC, já que os dados dos corpora contemporâneos mostram que o InfFlex continua a ocorrer nestes contextos. Adotámos, para estes casos, a análise proposta por Duarte et al (2012), segundo a qual estas não são verdadeiras construções de InfFlex, mas sim estruturas de controlo, em que a flexão de concordância corresponde à manifestação da operação de AGREE que se estabelece entre T matriz e C-T infinitivo.

Muitas questões ficam em aberto. Por exemplo, é necessário investigar outras variedades não padrão contemporâneas do português e verificar se a ocorrência de InfFlex em contextos em que não é permitido em PEC padrão é um fenómeno comum a todas elas. Além disso, fica por explicar por que razão o InfFlex apresenta uma distribuição mais alargada em PEC do que em outras línguas românicas. Este facto sugere que poderá haver alguma variação interlinguística quanto às condições que permitem a legitimação do InfFlex enquanto opção gramatical.

Estas questões serão exploradas em trabalho futuro.

Corpora consultados:

CETEMPúblico: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

Cordial-SIN – Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe: <http://www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus>

CORGA – Corpus de Referencia do Galego Actual: <http://corpus.cirp.es/corga/>

Corpus Histórico do Português Tycho Brahe: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>

Spoken Corpus Mozambique 1986-87 – Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>

TILGA – Tesouro Informatizado da Língua Galega: <http://www.ti.usc.es/tilg/>

Referências

- Álvarez, R. & X. Xove (2002) *Gramática da Língua Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Carrilho, E. & X. Sousa (2010) Embedded subjects of causative infinitival constructions in Galician and Portuguese. *6th International Contrastive Linguistics Conference*. Freie Univ. Berlin. October 2010. [http://www.clul.ul.pt/files/ernestina_carrilho/CarrilhoSousa2010tx.pdf]
- Cowper, E. (2002) *Finiteness*. Unpublished manuscript, University of Toronto.
- Duarte, I. A. Gonçalves & A. L. Santos (2012) Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 217-234.
- Fiéis, A. & A. Madeira (2012) Predicados de Controlo na Diacronia do Português. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 271-284.
- Jones, M. (1993) *Sardinian Syntax*. London: Routledge.
- Jones, M. (1990) Sardinian. In M. Harris & N. Vincent (eds.) *The Romance Languages*. Oxford University Press.
- Landau, I. (2004) The scale of finiteness and the calculus of Control. *Natural Language & Linguistic Theory* 22, pp. 811-877.
- Landau, I. (2000) *Elements of Control. Structure and Meaning in Infinitival Constructions*. Dordrecht: Kluwer.
- Longa, V. (1994) The Galician inflected infinitive and the nature of UG. *Catalan Working Papers in Linguistics* 4, pp. 23-44.
- Martins, A. M. (2006) Aspects of Infinitival Constructions in the History of Portuguese. In R. S. Gess & D. Arteaga (eds.) *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 327-355.
- Martins, A.M. (2001) On the origin of the Portuguese inflected infinitive: A new perspective on an enduring debate. In L. Brinton (ed.) *Historical Linguistics 1999: Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 207-222.
- Maurer Jr., T.H. (1968) *O infinitivo flexionado português: Estudo histórico-descritivo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Modesto, M. (2011) Infinitivos flexionados em português brasileiro e sua relevância para a teoria do controlo. In D. Da Hora & E. Negrão (eds.) *Estudos da Linguagem*. Ed. Ideia, 63-87.
- Pires, A. (2001) *The syntax of gerunds and infinitives: Subjects, Case and control*. PhD dissertation, University of Maryland.
- Pires, A., J. Rothman & A.L. Santos (2011) L1 acquisition across Portuguese dialects: Modular and interdisciplinary interfaces as sources of explanation. *Lingua* 121, 605–622.
- Ponce de León Romeo, R. (2004) Infinitus lusitanus: considerações sobre o infinitivo flexionado nas gramáticas latino-portuguesas renascentistas. In *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Universidade do Porto, pp. 315-327.
- Raposo, E. (1987) Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.
- Rodrigues, J.M. (1913/14) O imperfeito do conjuntivo e o infinitivo pessoal no português. *Boletim de Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa*, vol. VIII, pp. 72-93.
- Scida, E. (2004) *The Inflected Infinitive in the Romance Languages*. London: Routledge.
- Sheehan, M. (no prelo) Portuguese, Russian and the Theory of Control. *Proceedings of NELS 43*.
- Vincent, N. (1998) On the grammar of inflected non-finite forms (with special reference to Old Neapolitan). *Copenhagen Studies in Language* 22, pp. 135-158.